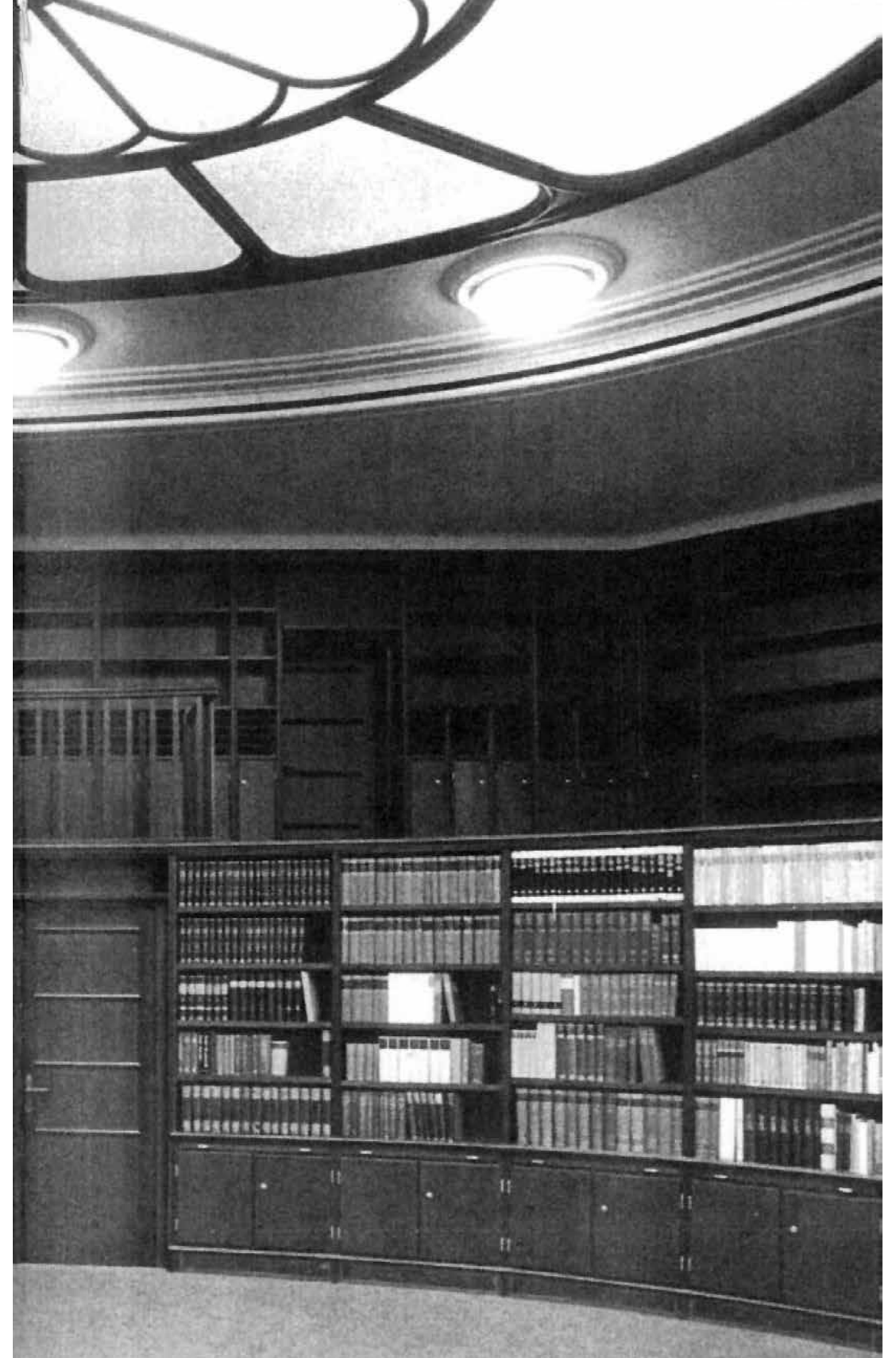
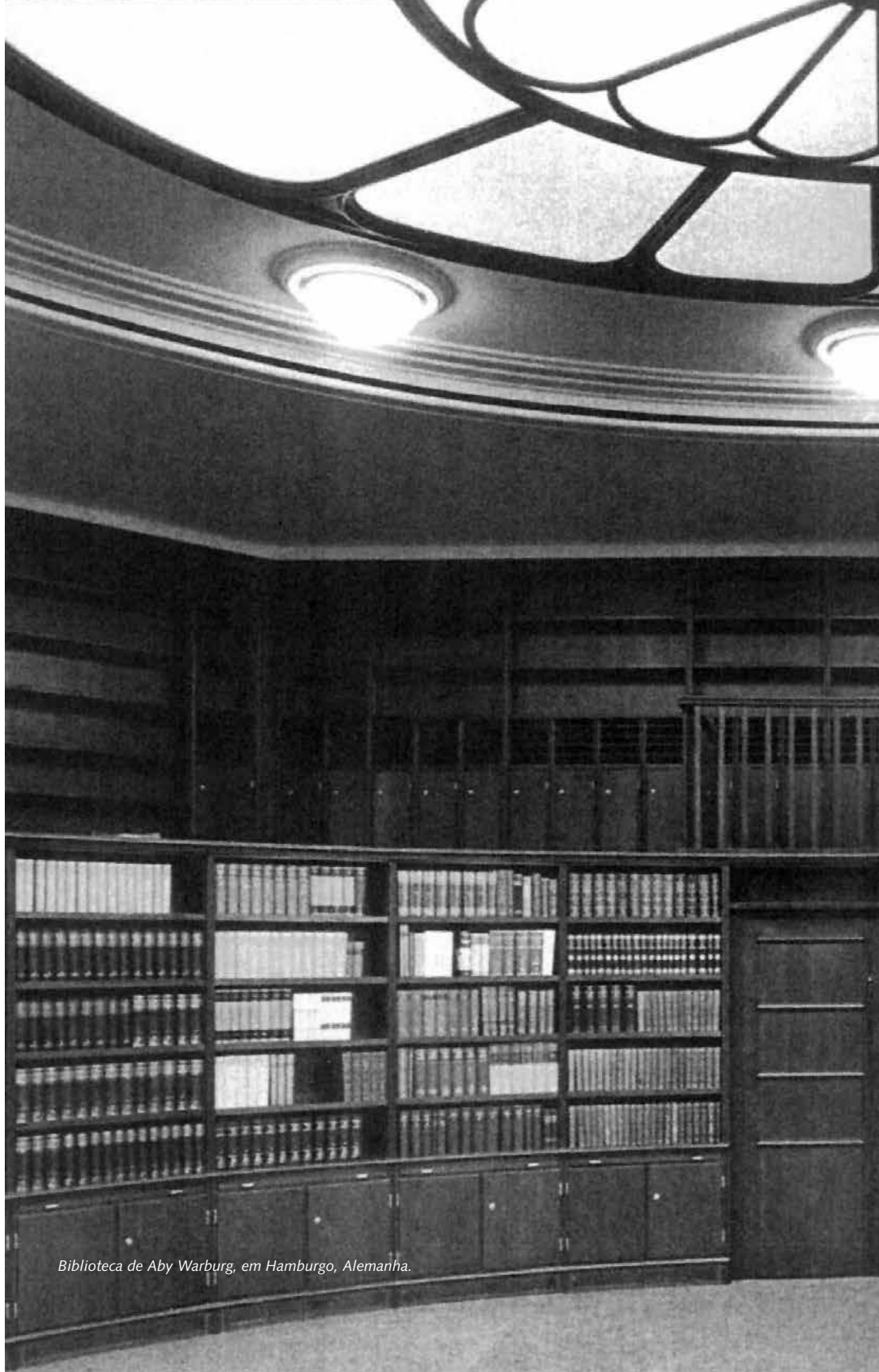




A BIBLIOTECA À NOITE



*Biblioteca de Aby Warburg, em Hamburgo, Alemanha.*

Alberto Manguel

A  
BIBLIOTECA  
À NOITE



TRADUÇÃO DE  
Rita Almeida Simões

LISBOA  
TINTA-DA-CHINA  
M M X V I

© 2016, Edições tinta-da-china, Lda.  
Rua Francisco Ferrer, 6A  
1500-461 Lisboa  
Tels: 21 726 90 28/9  
E-mail: info@tintadachina.pt

[www.tintadachina.pt](http://www.tintadachina.pt)

Título original: *The Library at Night*  
© Alberto Manguel  
c/o Schavelzon Graham Agencia Literaria, S.L.  
[www.schavelzongraham.com](http://www.schavelzongraham.com)

Título: *A Biblioteca à Noite*  
Autor: Alberto Manguel  
Tradução: Rita Almeida Simões  
Revisão: Tinta-da-china  
Composição: Tinta-da-china  
Capa: Tinta-da-china (V. Tavares)

1.ª edição: Outubro de 2016

ISBN 978-989-671-340-9  
Depósito Legal n.º 414 767/16

*No século XVI, o poeta otomano Adbüllatif Çelebi,  
mais conhecido por Latifi, chamou a cada livro da sua biblioteca «um  
amigo verdadeiro e carinhoso que afasta todas as preocupações».*

*Este livro é para o Craig.*

## ÍNDICE

Introdução	15
A Biblioteca como Mito	19
A Biblioteca como Ordem	43
A Biblioteca como Espaço	67
A Biblioteca como Poder	89
A Biblioteca como Sombra	101
A Biblioteca como Forma	119
A Biblioteca como Acaso	147
A Biblioteca como Oficina	157
A Biblioteca como Mente	169
A Biblioteca como Ilha	187
A Biblioteca como Sobrevivência	203
A Biblioteca como Esquecimento	217
A Biblioteca como Imaginação	229
A Biblioteca como Identidade	247
A Biblioteca como Lar	259
Conclusão	269
Agradecimentos	273
Notas	275
Créditos das Imagens	291
Índice Remissivo	293



*Tudo o que resta de uma biblioteca ateniense: uma inscrição informativa de que o horário de abertura é «entre a primeira e a sexta horas» e que «é proibido levar obras da biblioteca».*

## INTRODUÇÃO

*Sempre tive este humor andarilho (embora não com êxito igual) e, como um cão de caça que ladra a cada pássaro que vê, largando a presa, persegui tudo excepto o que devia, e posso justificadamente queixar-me, e verdadeiramente (pois quem está em todo o lado não está em lugar algum) [...], de que li muitos livros, mas com pouco propósito, por carecer de um bom método; tropecei, confusamente, em diversos autores nas nossas bibliotecas, com pouco proveito, por falta de arte, de ordem, de memória e de juízo.*

Robert Burton, *Anatomia da Melancolia*

O ponto de partida é uma pergunta. Fora da teologia e da literatura fantástica, poucos duvidam de que as principais características do nosso universo sejam a escassez de significado e a falta de propósito discernível. E, no entanto, com um optimismo desconcertante, continuamos a reunir em prateleiras e prateleiras de bibliotecas, sejam elas materiais, virtuais ou de outro tipo qualquer, todos os pedacinhos de informação que conseguimos encontrar em rolos, livros e *chips* informáticos, pateticamente decididos a conferir ao mundo uma aparência de sentido e de ordem, sabendo perfeitamente que, por mais que gostássemos de acreditar no contrário, os nossos esforços estão tristemente condenados ao fracasso.

Porque o fazemos, então? Embora soubesse desde o início que a pergunta ficaria muito seguramente por responder, pareceu-me que a demanda valia a pena. Este livro é a história dessa demanda.

Mais interessado nos nossos intermináveis esforços coleccionistas do que na sequência ordenada de datas e nomes, comecei há vários anos não a compilar mais uma história das bibliotecas nem a acrescentar outro tomo à já assustadoramente extensa colecção de livros sobre bibliotecologia, mas meramente a dar conta do meu



assombro. «Devíamos, sem dúvida, achar tão comovente quanto inspirador que a nossa raça não deixe de trabalhar num campo do qual o êxito foi desterrado»<sup>1</sup>, escreveu Robert Louis Stevenson há mais de um século.

As bibliotecas, sejam as minhas, sejam as que partilhei com um público mais vasto de leitores, sempre me pareceram lugares agradavelmente loucos, e, desde que me lembro, sempre me seduziu aquela sua lógica labiríntica que sugere que a razão (senão a arte) impera sobre uma disposição cacofónica de livros. Sinto um prazer aventureiro em perder-me entre estantes apinhadas, supersticiosamente confiante de que qualquer hierarquia estabelecida de letras ou números me conduzirá, um dia, a um destino prometido. Os livros são desde há muito instrumentos das artes divinatórias. «Uma grande biblioteca», meditou Northrop Frye num dos seus muitos caderninhos, «possui realmente o dom das línguas e um vasto poder de comunicação telepática.»<sup>2</sup>

Foi sob a influência dessas agradáveis ilusões que passei meio século a coleccionar livros. Imensamente generosos, os meus livros não me fazem nenhuma exigência, antes me oferecem todo o tipo de iluminação. «A minha biblioteca», escreveu Petrarca a um amigo, «não é uma colecção inculta, embora pertença a um inculto.»<sup>3</sup> Tal como os livros de Petrarca, os meus sabem infinitamente mais do que eu e agradeço-lhes por sequer tolerarem a minha presença. Por vezes, sinto que abuso desse privilégio.

O amor às bibliotecas, como a maioria dos amores, tem de ser aprendido. Ninguém que entre pela primeira vez numa sala feita de livros pode saber instintivamente que comportamento ter, o que se espera, o que se promete, o que é permitido. Podemos ser dominados pelo horror — por causa da barafunda ou da vastidão, do silêncio, do desdenhoso lembrete de tudo o que não sabemos, da vigilância — e parte dessa sensação esmagadora pode perdurar, mesmo depois de aprendermos os rituais e as convenções, cartografarmos o território, concluirmos que os nativos são amigáveis.

Na minha juventude temerária, enquanto os meus amigos sonhavam com feitos heróicos nos campos da engenharia e do direito, da finança e da política nacional, eu sonhava ser bibliotecário. A preguiça e uma predilecção incontida por viajar ditaram que assim não fosse. Agora, contudo, chegado aos 56 anos (que, segundo Dostoiévski n' *O Idiota*, é «a idade em que se pode justificadamente dizer que começa a verdadeira vida»), regressei a esse ideal precoce e, embora não me possa propriamente chamar bibliotecário, vivo continuamente entre estantes em constante multiplicação, cujos limites começam a confundir-se ou a coincidir com os da própria casa. O título deste livro devia ter sido *Viagem à Volta do Meu Quarto*. Lamentavelmente, o famoso Xavier de Maistre adiantou-se-me em mais de dois séculos.

ALBERTO MANGUEL, 30 de Janeiro de 2005

## A BIBLIOTECA COMO MITO

*A noite, que a teologia pagã fez filha do Caos,  
não oferece vantagem nenhuma à descrição da ordem.*

Sir Thomas Browne, *The Garden of Cyrus*

A biblioteca em que finalmente reuni os meus livros começou a vida, por volta do século xv, na forma de um celeiro alcandorado numa pequena colina a sul do Loire. Nos últimos anos antes da era cristã, os romanos erigiram aqui um templo a Dionísio, para honrar o deus desta região produtora de vinho. Doze séculos depois, uma igreja cristã substituiu o deus do êxtase ébrio por um deus que transformou o próprio sangue em vinho. (Tenho uma imagem de um vitral que mostra uma vinha dionisíaca a nascer da chaga do lado direito de Cristo.) Mais tarde, os aldeões acrescentaram à igreja uma casa para alojar o padre e, posteriormente, juntaram a esse presbitério um par de pombais, um pequeno pomar e um celeiro. No Outono de 2000, altura em que vi pela primeira vez os edifícios que hoje constituem a minha casa, tudo o que restava do celeiro era um muro de pedra que separava a minha propriedade de um galinheiro e do campo do vizinho. Diz a lenda da aldeia que, antes de pertencer ao celeiro, o muro pertencera a um dos dois castelos que Tristan L'Hermite, ministro de Luís XI de França e famoso pela sua crueldade, construiu para os filhos por volta de 1433. O primeiro castelo ainda está de pé, embora muito alterado durante o século xviii. O segundo ardeu há três ou quatro séculos,



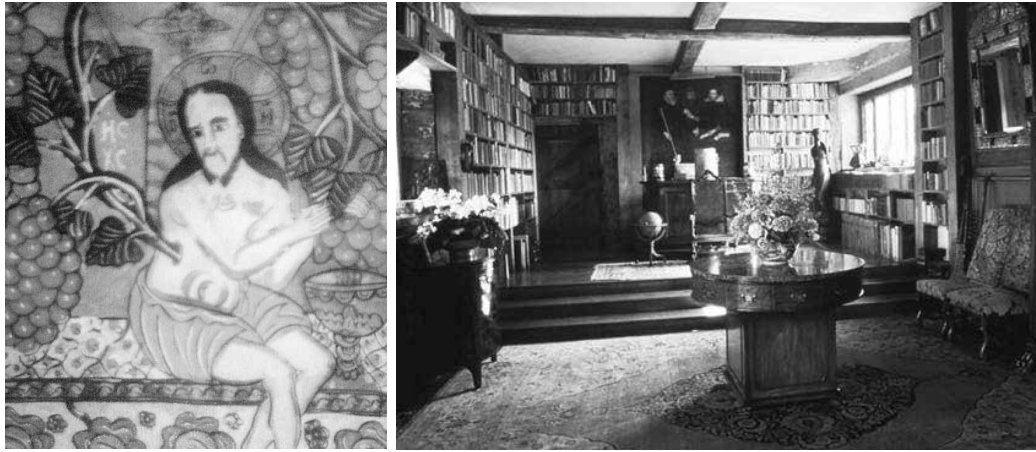
e o único muro que restou, com um pombal numa extremidade, tornou-se propriedade da igreja, delimitando um lado do jardim do presbitério. Em 1693, depois de ser aberto um cemitério novo para acolher o crescente número de mortos, a população da aldeia («reunida à porta da igreja», diz a escritura) concedeu ao padre responsável a autorização de anexar o velho cemitério e plantar árvores de fruto sobre os túmulos vazios. Na mesma altura, o muro do castelo foi utilizado para fechar um novo celeiro. Depois da Revolução Francesa, as guerras, as tempestades e a negligência conduziram à ruína do celeiro, que nunca mais foi reconstruído, mesmo depois de os serviços religiosos serem retomados na igreja em 1837 e de



*A biblioteca do Colegio Nacional de Buenos (esquerda) Aires e a biblioteca do Presbytère (direita).*

um novo padre ir viver para o presbitério. O muro antigo continuou a servir como divisor de propriedades, dando para o campo de um lavrador de um lado e fazendo sombra à magnólia e às hortênsias do presbitério do outro<sup>1</sup>.

Assim que vi o muro e as pedras espalhadas em volta, soube que seria aqui que construiria a divisão para albergar os meus livros. Tinha em mente uma imagem definida de uma espécie de cruzamento entre o salão comprido de Sissinghurst (a casa de Vita Sackville-West, no Kent, que visitara pouco antes) e a biblioteca do meu antigo liceu, o Colegio Nacional de Buenos Aires. Queria uma sala de lambris de madeira escura, com pequenos focos de luz



Vitral em Chinon que mostra Cristo como a videira que dá vida (esquerda).  
A Long Hall Library, em Sissinghurst (direita).

Palácio-navio de mármore da imperatriz Cixi (página ao lado).

e cadeiras confortáveis, e um espaço adjacente, mais pequeno, no qual instalaria a minha secretária e os livros de consulta. Imaginava prateleiras que começavam à altura da minha cintura e subiam só até às pontas dos meus dedos com o braço esticado, uma vez que, diz-me a experiência, os livros condenados a alturas que exigem escadas, ou a profundidades que forçam o leitor a rastejar pelo chão, recebem muito menos atenção do que os seus colegas a meia altura, independentemente do seu assunto ou mérito. Mas essas disposições ideais teriam exigido uma biblioteca três ou quatro vezes maior do que o desaparecido celeiro e, como Stevenson tão melancolicamente expressou, «tal é a amargura da arte: vemos um bom efeito e intervir continuamente uma insensatez qualquer sobre o sentido»<sup>2</sup>. Por necessidade, a minha biblioteca tem prateleiras que começam logo acima do rodapé e terminam a um *in octavo* das vigas do tecto.

Durante a construção da biblioteca, os pedreiros descobriram duas janelas no velho muro, há muito tapadas por tijolos. Uma consiste numa fresta estreita através da qual os arqueiros possivelmen-



te terão defendido o filho de Tristan L'Hermite quando os camponeses se revoltaram; a outra é uma janela quadrada baixa protegida por barras de ferro medievais forjadas algo toscamente em forma de caules com folhas pendentes. Destas janelas, durante o dia, consigo ver as galinhas do meu vizinho a correr de um lado para o outro no seu recinto, a bicar aqui e ali, desvairadas pelo excesso da oferta, como eruditos loucos numa biblioteca; das janelas da parede nova, no lado oposto, vejo o presbitério e as duas velhas sóforas do meu jardim. Mas à noite, quando os candeeiros da biblioteca se acendem, o mundo exterior desaparece e nada existe além deste espaço de livros. A alguém que esteja lá fora, no jardim, a biblioteca à noite parece um vasto navio, como aquela estranha *villa* chinesa que, em 1888, a caprichosa imperatriz Cixi ordenou que se construísse, em forma de navio abandonado, no lago do jardim do seu Palácio de Verão. No escuro, com as janelas iluminadas e as fileiras de livros a brilhar, a biblioteca é um espaço fechado, um universo de regras próprias que fingem substituir ou traduzir as regras do universo informe lá fora.



Durante o dia, a biblioteca é um reino de ordem. Desloco-me nos corredores de letras e através deles com um propósito concreto, em busca de um nome ou de uma voz, convocando livros para a minha atenção segundo o seu posto e a classificação que os designa. A estrutura do lugar é evidente: um labirinto de linhas rectas, não para nos perdermos mas para nos encontrarmos; uma sala dividida que segue uma sequência aparentemente lógica de classificação; uma geografia que obedece a um índice predeterminado e a uma hierarquia memorável de letras e números.

À noite, porém, o ambiente muda. Os sons tornam-se abafados, os pensamentos, mais audíveis. «Só ao cair da noite é que a coruja de Minerva levanta voo», disse Walter Benjamin, citando Hegel<sup>3</sup>. O tempo parece mais próximo daquele momento a meio caminho entre a vigília e o sono, quando o mundo pode ser comodamente reimaginado. Os meus movimentos parecem involuntariamente furtivos; a minha actividade, um segredo. Transformo-me numa espécie de fantasma. Os livros são agora a presença real e eu, o seu leitor, através de rituais cabalísticos de letras semivislumbradas, é que sou convocado e atraído para um certo volume e uma certa página. A ordem decretada pelos catálogos é, à noite, meramente convencional; nas sombras, não conserva prestígio algum. Embora a minha biblioteca não tenha um catálogo autoritário, até ordens mais moderadas como uma disposição alfabética por autor ou divisão em secções de línguas vêem o seu poder diminuído. Livres das restrições quotidianas, sem ninguém que os observe a esta hora tardia, os meus olhos e as minhas mãos vagueiam imprudentemente pelas fileiras arrumadas, restaurando o caos. Um livro chama outro, inesperadamente, e cria alianças entre diferentes culturas e séculos. Uma frase semi-recordada ecoa noutra por razões que, à luz do dia, permanecem obscuras. Se a biblioteca de manhã sugere um eco da severa e razoavelmente ilusória ordem do mundo, a biblioteca à noite parece rejubilar na essencial e alegre desordem do mundo.

No século I, no seu livro sobre a guerra civil romana que tivera lugar cem anos antes, Lucano descreve Júlio César a caminhar pe-

las ruínas de Tróia e observa que todas as grutas e bosques áridos lembravam ao seu herói as antigas histórias de Homero. «Há uma lenda em cada pedra»<sup>4</sup>, explica Lucano, descrevendo tanto a viagem repleta de peripécias de César quanto, no futuro longínquo, a biblioteca em que me sento agora. Os meus livros guardam entre as suas capas todas as histórias que já conheci e ainda recordo, ou que entretanto esqueci ou poderei um dia ler; preenchem o espaço que me envolve com vozes antigas e novas. Sem dúvida que também durante o dia estas histórias existem nas páginas, mas, talvez por causa da familiaridade da noite com as aparições de fantasmas e sonhos reveladores, elas adquirem uma presença mais vívida depois de o Sol se pôr. Percorro os corredores e vejo de relance as obras de Voltaire e oiço no escuro a fábula oriental de Zadig; algures à distância, o *Vathek* de William Beckford retoma o fio da história e passa-o aos palhaços de Salman Rushdie dentro das capas azuis dos *Versículos Satânicos*; outro Oriente ecoa na aldeia mágica do século XII de Zahirí, de Samarcanda, que por sua vez cede a narração aos infelizes sobreviventes de Naguib Mahfouz, no Egipto dos nossos dias. Dizem ao César de Lucano que caminhe com cautela pela paisagem troiana, a fim de não pisar fantasmas. À noite, aqui na biblioteca, os fantasmas têm voz.

Não obstante, a biblioteca à noite não é para todos os leitores. Michel de Montaigne, por exemplo, discordava da minha soturna preferência. A biblioteca de Montaigne (que falava de *librairie*, não *bibliothèque*, uma vez que a acepção destas palavras começava a mudar no vertiginoso século XVI) ficava no terceiro andar da sua torre, num antigo espaço de arrumos. «Ali passei a maior parte dos dias da minha vida e a maior parte das horas do dia. Nunca lá estou de noite»<sup>5</sup>, confessa. À noite, Montaigne dormia, pois acreditava que o corpo já sofria suficientemente durante o dia à conta da mente leitora.

Os livros têm muitas qualidades agradáveis para quem os saiba escolher, mas não há bem que nos venha sem esforço; não é um prazer simples e puro, não mais do que outros; tem os seus desconfortos,



A Torre de Montaigne

e estes são onerosos; a alma exercita-se, mas o corpo, cujo cuidado não olvidei, permanece inactivo, e torna-se cansado e triste.<sup>6</sup>

Não o meu. As variadas características das minhas leituras parecem permear todos os meus músculos, de tal modo que, quando finalmente decido apagar a luz da biblioteca, transporto para o sono as vozes e os movimentos do livro que acabei de fechar. Aprendi, por longa experiência, que, se quero escrever sobre certo assunto de manhã, a minha leitura sobre esse assunto à noite alimentará os meus sonhos não só com os argumentos mas também com os episódios da história. Ler sobre o *boeuf en daube* da Sr.<sup>a</sup> Ramsay dá-me fome, a ascensão de Petrarca ao Monte Ventoux deixa-me sem fôlego; a descrição de Keats sobre a sua actividade de natação deixa-me revigorado; as últimas páginas de *Kim* enchem-me de amizade afectuosa; a primeira descrição do cão dos Baskervilles faz-me olhar desconfortavelmente sobre o ombro. Para Coleridge,

tais lembranças provocam no leitor a mais eminente das sensações possíveis, o sentido do sublime, que, diz ele, «surge não da visão de um objecto exterior, mas da reflexão que o observador faz dele; não da impressão sensorial, mas do reflexo imaginativo»<sup>7</sup>. Coleridge descarta a «impressão sensorial» com demasiada ligeireza; para que essas imaginações nocturnas floresçam, tenho de permitir que os meus outros sentidos despertem — ver e tocar as páginas, ouvir o amarrotar e o farfalhar do papel e o temível estalido da lombada, cheirar a madeira das estantes, o perfume almiscarado das encadernações em pele, o cheiro ácido dos meus livros de bolso amarelecidos. Depois, posso dormir.

Durante o dia, escrevo, pesquiso, reordeno livros, guardo as minhas novas aquisições, reorganizo secções para ganhar espaço. Os recém-chegados recebem as boas-vindas depois de um período de inspecção. Se se trata de um livro em segunda mão, deixo todas as suas marcas intactas, o rasto de anteriores leitores, companheiros de viagem que registaram a sua passagem por meio de comentários rabiscados, um nome na folha de guarda, um bilhete de autocarro que marca uma certa página. Velhos ou novos, o único sinal que procuro sempre retirar dos meus livros (normalmente com pouco êxito) é o autocolante com o preço que os malvados livreiros colam nas contracapas. Estas diabólicas cicatrizes brancas saem com dificuldade e deixam chagas leprosas e vestígios de cola a que aderem o pó e a lanugem do tempo, fazendo-me desejar um inferno especial, pegajoso, ao qual condenar o inventor destes autocolantes.

Durante a noite, sento-me e leio, e observo as fileiras de livros que me incitam novamente a estabelecer ligações entre vizinhos, a inventar histórias comuns para eles, a associar um fragmento recordado a outro. Virginia Woolf tentou uma vez distinguir entre o homem que ama aprender e o homem que ama ler e concluiu que «não há relação alguma entre os dois». Escreveu:

Um homem letrado é um entusiasta solitário, concentrado e sedentário que procura descobrir através dos livros um certo grão de verdade

almejado pelo seu coração. Se a paixão pela leitura levar a melhor sobre ele, os seus ganhos definham e desaparecem-lhe entre os dedos. Um leitor, por seu lado, tem, desde o início, de domar o desejo de aprender; se o conhecimento lhe chegar, melhor, mas dispor-se a procurá-lo, ler por sistema, tornar-se um especialista ou uma autoridade, é muito capaz de matar o que nos apraz considerar a paixão mais humana pela leitura pura e desinteressada.<sup>8</sup>

Durante o dia, sou tentado pela concentração e pelo sistema; à noite, posso ler com uma despreocupação que roça a leviandade.

De dia ou de noite, porém, a minha biblioteca é um domínio privado, muito distinta das bibliotecas públicas, grandes ou pequenas, e igualmente diferente da biblioteca electrónica fantasmagórica sobre cuja universalidade continuo a ser um céptico moderado. A geografia e os costumes das três divergem de variadas maneiras, pese embora todas tenham em comum o desejo explícito de conferir harmonia ao nosso conhecimento e à nossa imaginação, agrupar e parcelar informação, reunir num único lugar a nossa vicária experiência do mundo e excluir experiências de muitos outros leitores, por via da parcimónia, da ignorância, da incapacidade ou do medo.

Estas tentativas, aparentemente contraditórias, de inclusão e exclusão, são de tal modo constantes e abrangentes, que (pelo menos no Ocidente) têm os seus próprios emblemas literários, dois monumentos que, pode dizer-se, representam tudo o que somos. O primeiro, erigido para alcançar os céus inalcançáveis, emergiu do nosso desejo de conquistar o espaço, um desejo punido com a pluralidade de línguas que ainda hoje levanta obstáculos diários às nossas tentativas de nos darmos a conhecer uns aos outros. O segundo, construído para reunir aquilo que essas línguas tentaram registar em todo o mundo, nasceu da nossa esperança de superar o tempo e acabou num lendário incêndio que consumiu até o presente. A Torre de Babel no espaço e a Biblioteca de Alexandria no tempo são os símbolos gémeos dessas ambições. À sua sombra, a minha pequena biblioteca é uma lembrança das duas ânsias impossíveis —

o desejo de conter todas as línguas de Babel e o afã de possuir todos os volumes de Alexandria.

A história de Babel é contada no décimo primeiro capítulo do Génesis. Depois do Dilúvio, o povo da Terra viajou para leste, para a terra de Chinear, onde decidiu construir uma cidade e uma torre que alcançasse os céus. «O Senhor, porém, desceu, a fim de ver a cidade e a torre que os homens estavam a edificar. E o Senhor disse: ‘Eles constituem apenas um povo e falam uma única língua. Se principiaram desta maneira, coisa nenhuma os impedirá, de futuro, de realizarem todos os seus projectos. Vamos, pois, descer e confundir de tal modo a linguagem deles que não consigam compreender-se uns aos outros.’»<sup>9</sup> Deus, segundo a lenda nos conta, inventou a multiplicidade de línguas para que não pudéssemos trabalhar juntos, para que não pudéssemos ir além dos nossos poderes. Segundo o Sinédrio (conselho de anciãos judeus estabelecido em Jerusalém no século I), o local onde outrora se ergueu a torre nunca perdeu a sua característica peculiar e, mesmo hoje, quem lá passa esquece tudo o que sabe<sup>10</sup>. Há muitos anos, mostraram-me uma pequena colina de escombros do lado de fora das muralhas da Babilónia e disseram-me que ela era tudo o que restava do que fora outrora Babel.

A Biblioteca de Alexandria era um centro de estudo estabelecido pelos reis ptolemaicos no final do século III a. C., para melhor seguir os ensinamentos de Aristóteles. Segundo o geógrafo grego Estrabão<sup>11</sup>, que escreveu no século I a. C., a biblioteca poderá ter contido os livros do filósofo, ali deixados por um dos seus discípulos, Teofrasto, que, por sua vez, os legou a outro, Neleu de Cépsis, que acabou por se envolver na instituição da biblioteca. Até à fundação da Biblioteca de Alexandria, as bibliotecas do mundo antigo eram ou colecções privadas das leituras de um só homem, ou depósitos governamentais, onde se guardavam documentos legais e literários para consulta oficial. O impulso de estabelecer essas primeiras bibliotecas foi mais a salvaguarda do que a curiosidade e decorreu mais da necessidade de consulta específica do que do desejo de tudo abarcar. A Biblioteca de Alexandria revelou uma imaginação nova que superou em ambição e





Construção da Torre de Babel, representada num manuscrito iluminado inglês do Génesis, cerca de 1390 (página ao lado).

Nova Biblioteca de Alexandria, cuja primeira pedra foi colocada em 1988.

alcance todas as bibliotecas existentes. Os reis atálidas de Pérgamo, no noroeste da Ásia Menor, tentaram competir com Alexandria e construíram a sua própria biblioteca, mas esta nunca alcançou a grandeza da de Alexandria. Para impedir que os rivais produzissem manuscritos para a sua biblioteca, os Ptolemeus proibiram a exportação de papiro, ao que os bibliotecários de Pérgamo responderam com a invenção de um material de escrita novo, baptizado com o nome da cidade: *pergamemon*, ou *pergaminho*<sup>12</sup>.

Um curioso documento do século II a. C., a *Carta de Aristeias*, talvez apócrifa, regista uma história acerca das origens da Biblioteca de Alexandria que é emblemática do seu sonho colossal. Para reunir uma biblioteca universal (diz a carta), o rei Ptolemeu I escreveu «a todos os soberanos e governantes da Terra», rogando-lhes que lhe enviassem todo o tipo de livros de todo o género de autores, «poetas e prosadores, retóricos e sofistas, médicos e profetas, historiadores e todos os outros». Os sábios que aconselhavam o



rei tinham calculado que seriam precisos 500 mil rolos para reunir em Alexandria «todos os livros de todos os povos do mundo»<sup>13</sup>. (O tempo amplia as ambições: em 1988, só a Biblioteca do Congresso em Washington recebia esse mesmo número de itens por ano, dos quais mantinha, modestamente, cerca de 400 mil<sup>14</sup>.) Actualmente, a Biblioteca de Alexandria foi reconstruída pelo governo egípcio após um concurso ganho pelo gabinete de arquitectura norueguês Snøhetta. A um custo de 220 milhões de dólares americanos, a uma altura de 32 metros e numa circunferência de 160 metros, com estantes suficientes para guardar mais de oito milhões de volumes, a nova Biblioteca de Alexandria albergará também material audiovisual e colecções virtuais nas suas amplas salas<sup>15</sup>.

Enquanto existiu, a Torre de Babel foi a prova da nossa crença na unidade do universo. Segundo a história, a humanidade vivia à sombra crescente de Babel, num mundo sem fronteiras linguísticas, que julgava ter direito tanto ao céu quanto à terra sólida. A Biblioteca de Alexandria (num terreno talvez mais firme do que o de Babel) nasceu para provar o contrário, que o universo era de uma variedade desconcertante e que essa variedade encerrava uma ordem secreta. A primeira crença reflectia a nossa intuição de uma divindade única, contínua, monolíngue, cujas palavras eram faladas por todos, desde a terra ao céu; a segunda, a crença de que cada um dos livros constituídos por essas palavras era, em si mesmo, um cosmos complexo, cada qual presumindo, na sua singularidade, dirigir-se ao conjunto da criação. A Torre de Babel ruiu na pré-história da narração; a Biblioteca de Alexandria ergueu-se quando as histórias assumiram a forma de livros e aspirou encontrar uma sintaxe que conferisse a cada palavra, a cada tabuinha, a cada rolo o seu lugar iluminador e necessário. Indistinta, majestosa, omnipresente, a arquitectura tácita dessa biblioteca infinita continua a assombrar os nossos sonhos de ordem universal. Nunca mais se conseguiu uma coisa igual, embora outras bibliotecas (Internet incluída) tenham tentado copiar a sua espantosa ambição. Permanece ímpar na história do mundo,

como o único lugar que, tendo-se proposto registrar tudo, passado e futuro, poderá ter também previsto e guardado a crónica da sua própria destruição e ressurreição.

Dividida em áreas temáticas por categorias concebidas pelos seus bibliotecários, a Biblioteca de Alexandria tornou-se uma profusão de bibliotecas, cada qual centrada num aspecto da variedade do mundo. Tratava-se (gabavam-se os alexandrinos) de um lugar onde a memória era mantida viva, onde cada pensamento escrito tinha o seu nicho, onde cada leitor podia encontrar o seu próprio itinerário traçado, linha após linha, em livros talvez nunca antes abertos, onde o próprio universo encontrava o seu reflexo feito de palavras. Outra medida do rei Ptolemeu para concretizar a sua ambição foi decretar que qualquer livro que chegasse ao porto de Alexandria devia ser apreendido e copiado, com a promessa solene de que o original seria devolvido (como tantas promessas solenes de reis, esta nem sempre era cumprida, e amiúde a cópia é que era devolvida). Devido a esta medida despótica, os livros reunidos na biblioteca ficaram conhecidos como «a colecção dos navios»<sup>16</sup>.

A primeira referência à biblioteca é de Herondas, um poeta de Cós ou Mileto que viveu na segunda metade do século III a.C., num texto que refere uma construção conhecida como Museion, ou Casa das Musas, que, é quase certo, alojava a famosa biblioteca. Curiosamente, num jogo vertiginoso de caixas chinesas, Herondas confere ao reino do Egipto uma natureza de biblioteca universal e que tudo engloba, de tal forma que o Egipto inclui o museu, que por sua vez inclui a biblioteca, que por sua vez inclui tudo:

E [o Egipto] assemelha-se à casa de Afrodite:  
Tudo o que existe e tudo o que é possível  
Se encontra no Egipto: dinheiro, jogos, poder, o céu azul,  
Fama, espectáculos, filósofos, ouro, rapazes e donzelas,  
O templo aos deuses irmãos, o rei benevolente,  
O Museu, vinho e tudo o resto que se possa imaginar.<sup>17</sup>